

FEZ

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

Aprovou!

Elite Resolve

FUVEST 2012

2ª fase

PORTUGUÊS

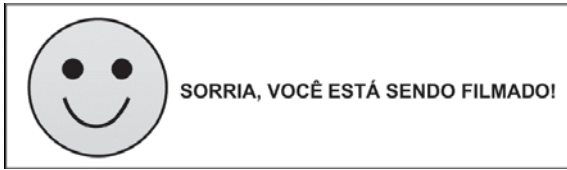
www.elitecampinas.com.br

os melhores **gabaritos** da internet

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01

Leia este aviso, comum em vários lugares públicos:



a) As pessoas que não gostam de ser filmadas prefeririam uma mensagem que dissesse o contrário. Para atender a essas pessoas, reescreva o aviso, usando a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

b) Criou-se, recentemente, a palavra “gerundismo”, para designar o uso abusivo do gerúndio. Na sua opinião, esse tipo de desvio ocorre no aviso acima? Explique.

Resolução

a) Para se reescrever o aviso, usando a primeira pessoa do plural (nós), é preciso atentar que a frase dada, “Sorria”, é imperativa. Desta forma, é necessário buscar um outro verbo que tenha sentido contrário àquele, como enfurecer-se, indignar-se, já que o novo aviso deve atender às pessoas que não gostam de ser filmadas. O imperativo afirmativo é formado a partir das formas do presente do subjuntivo, exceto as segundas pessoas, que são construídas a partir das formas do presente do indicativo sem o “-s” final. No caso dos verbos sugeridos acima, temos as seguintes formas na primeira pessoa do presente do subjuntivo: enfureçamos e indignemos. Ambos são verbos pronominais, cuja forma final seria enfureçamo-nos e indignemo-nos. É importante notar que esses verbos são apenas exemplos de tantos outros que poderiam ser usados, fazendo oposição ao significado do verbo dado “sorrir”, que, neste caso, não se trata apenas de trazer um sorriso no rosto, mas alegrar-se, sentir-se satisfeito, ser favorável. O aviso, desta forma, faria mais sentido àquele que se sente lesado, incomodado, enfurecido por estar sendo filmado, se reescrito da seguinte forma:

Indignemo-nos, estamos sendo filmados!

Note-se que o “smile” (desenho com a carinha feliz) seria inadequado caso a mensagem fosse reescrita. Nesse caso, seria interessante que essa imagem fosse simplesmente removida ou substituída por uma “carinha não-feliz”.

Vale salientar que uma mensagem como:

“Sorriamos, nós não estamos sendo filmados!”

embora também diga o contrário da frase dada, não caberia nessa situação, já que não faria sentido alertar alguém de algo que não está ocorrendo, dessa forma não sendo uma resposta apropriada. Um único contexto em que poderia se imaginar a mensagem reescrita dessa maneira seria aquele no qual há uso proposital de ironia. Sabendo que a ironia decorre do compartilhamento prévio de informações entre os interlocutores, um local recorrentemente filmado apresentaria este aviso em uma situação excepcional de não filmagem, acarretando a quebra de expectativa traduzida pela mensagem original.

b) Não. O “gerundismo” é considerado por muitos gramáticos um vício de linguagem, por ser impreciso, um desvio da norma formal, relativamente recente no português, principalmente falado. O emprego formal do gerúndio se dá quando a intenção é exprimir uma ação durativa, ou seja, que tem certa duração ou está em curso. A origem mais provável para a estrutura chamada “gerundismo” são os manuais americanos de telemarketing, que apresentam o seguinte tipo de oração: “We’ll be sending the product tomorrow”, cuja tradução para o português seria algo como “Nós vamos estar lhe enviando o produto amanhã”. A estrutura, portanto, traz um verbo principal no gerúndio (no caso, enviando), precedido de uma locução verbal auxiliar (conjugada, no caso, na primeira pessoa do plural, nós – “vamos estar”), o que, no português, seria apenas expresso por “Nós lhe enviaremos o produto amanhã.” (futuro do presente do verbo principal “enviar”). Voltando à questão proposta, a estrutura “Você está sendo filmado” é perfeitamente aceitável no português padrão por se tratar de uma ação acontecendo simultaneamente, que está em curso. Quando você entra em um elevador, por exemplo você “está sendo filmado” naquele exato instante. Não se trata, desta forma, de um uso excessivo do gerúndio, mas correto, preciso.

QUESTÃO 02

Leia com atenção o seguinte texto:

A onipresença do olho mágico da televisão no centro da vida doméstica dos brasileiros, com o poder (imaginário) de tudo mostrar e tudo ver que os espectadores lhe atribuem, vem provocando curiosas alterações nas relações entre o público e o privado. Durante pelo menos dois séculos, o bom gosto burguês nos ensinou que algumas coisas não se dizem, não se mostram e não se fazem em público. Essas mesmas coisas, até então reservadas ao espaço da privacidade, hoje ocupam o centro da cena televisiva. Não que o bom gosto burguês deva ser tomado como referência indiscutível da ética que regula a vida em qualquer sociedade. Mas a inversão de padrões que pareciam tão convenientemente estabelecidos nos países do ocidente dá o que pensar. No mínimo, podemos concluir que a burguesia do terceiro milênio já não é a mesma que ditou o bom comportamento dos dois séculos passados. No máximo, supõe-se que os fundamentos do contrato que ordenava a vida social entre os séculos XIX e XX estão profundamente abalados, e já vivemos, sem nos dar conta, em uma sociedade pós-burguesa, num sentido semelhante ao do que chamamos uma sociedade pós-moderna.

Maria R. Kehl, in Bucci e Kehl, **Videologias: ensaios sobre televisão**.

a) O que a autora do texto quer dizer, quando se refere ao “poder de tudo mostrar e tudo ver” (L. 2 e 3), atribuído à televisão, como “imaginário”?

b) Indique a palavra do primeiro período que tem o mesmo significado do prefixo que entra na formação da palavra “onipresença” (L. 1).

c) Indique uma palavra ou expressão do texto que corresponda ao sentido da palavra “ética” (L. 9).

Resolução

a) O termo imaginário refere-se ao senso comum, ou seja, ao que circula pelo conhecimento popular e desprovido de embasamento científico. Neste aspecto, a impressão de “poder de tudo mostrar e tudo ver” decorre de certa ingenuidade popular que crê ser a televisão uma fonte inesgotável e irrefutável de reprodução da realidade. O “poder”, logo, consistiria nesta habilidade de traduzir via programas televisivos, em especial as novelas e jornais, os acontecimentos, tendências e padrões socialmente aceitos pela humanidade, em suas respectivas culturas.

Assim, o poder é “imaginário”, pois é atribuído pela população e não por ser, de fato, um poder; isto porque sempre há um recorte ideológico norteando as práticas midiáticas, o que torna a TV um instrumento de comunicação de recortes parciais da realidade. Ainda que os telejornais aleguem um compromisso com a “verdade e a imparcialidade” frente às notícias é interessante observar que o foco e o destaque que os fatos recebem derivam da orientação política-ideológica da instituição.

b) A palavra “onipresença” é formada por derivação prefixal: “oni” + “presença”, sendo que o elemento de composição “oni” é de origem latina e significa “todo”. No texto, a palavra no primeiro período que tem o mesmo sentido é “tudo”: “de **tudo** mostrar e **tudo** ver”.

c) A palavra *ética*, no contexto em que aparece, tem sentido de norma, de modo que as palavras ou expressões do texto que possuem este mesmo sentido são “contrato” (linha 15), “bom gosto” (linha 5), que possui sentido de ética burguesa; “padrões” (linha 10).

QUESTÃO 03

Leia a seguinte mensagem publicitária, referente a carros, e responda ao que se pede:

POTÊNCIA, ROBUSTEZ E TRAÇÃO 4WD. PORQUE TEM LUGARES QUE SÓ COM ESPÍRITO DE AVENTURA VOCÊ NÃO CHEGA

a) A mensagem está redigida de acordo com a norma padrão da língua escrita? Se você julga que sim, justifique; se acha que não, reescreva o texto, adaptando-o à referida norma.

b) Se a palavra “só” fosse excluída do texto, o sentido seria alterado? Justifique sua resposta.

Resolução

a) Ao se entender norma padrão da língua como variante padrão, ou seja, aquela indicada como mais adequada pelos gramáticos e dicionaristas, a resposta à pergunta é não. Apesar de a proposta ser “se acha que não, reescreva o texto, adaptando-o à referida norma”, cabe aqui explicar porque a resposta é negativa, o que auxilia na solicitada reconstrução do texto. A primeira frase não apresenta nenhum verbo. Este fica subentendido pelo público-leitor da mensagem e, já que se trata de uma mensagem publicitária, a qual

deve ser sucinta, a frase apresenta palavras-chave que transmitem imagens imediatas. O tipo de texto, portanto, não exige o desenvolvimento desta que seria a oração principal. É importante notar, também, que a ausência de verbos é “permitida” pela variante padrão. Quando passamos para a oração seguinte, “porque”, neste caso, não é usado como conjunção, mas sim como partícula expletiva, usada como um elemento de realce, necessário, novamente, para fins publicitários, mas gramaticalmente dispensável. Pode ser retirada sem nenhum prejuízo de sentido. O verbo “ter” usado no sentido de “existir” é percebido, comumente, no português falado. Na variante padrão prefere-se o uso do verbo “haver” para este sentido. O verbo “chegar” é transitivo indireto, sendo necessário, na norma padrão, o uso da preposição “a”. Por fim, o uso de “você”, que, na mensagem publicitária, seria um artifício para se chegar diretamente ao consumidor, pode também ser lido de forma que o sujeito fique generalizado, possa ser não uma única pessoa e sim qualquer pessoa ou grupo que esteja lendo a mensagem. E, para fins de generalização, a norma culta prioriza o uso de partículas indeterminadoras do sujeito, como “se”. Desta forma, uma nova redação possível para o texto seria:

“POTÊNCIA, ROBUSTEZ E TRAÇÃO 4WD. HÁ LUGARES A QUE SÓ COM ESPÍRITO DE AVENTURA NÃO SE CHEGA.”

Cabe ressaltar que essa é apenas uma das possibilidades de se reescrever o texto de acordo com a variante culta da língua portuguesa. Foram ressaltadas “incorreções” mais trabalhadas nas escolas, aquilo que fosse mais perceptível à maioria dos alunos. É claro que também se poderia trabalhar a primeira frase, transformando-a em uma oração, adicionando-lhe verbo e sujeito. Dessa forma, teríamos um texto do seguinte tipo:

“NOSSO CARRO TEM POTÊNCIA, ROBUSTEZ E TRAÇÃO 4WD. HÁ LUGARES A QUE SÓ COM ESPÍRITO DE AVENTURA NÃO SE CHEGA.”

Ainda o que pode ter chamado a atenção do aluno é a sigla 4WD, um estrangeirismo, que significa em inglês *Four Wheel Drive*. No português há uma locução de mesmo significado, “tração nas quatro rodas”, o que seria preferível ao trabalharmos com a norma culta. Temos, portanto, uma nova frase:

“NOSSO CARRO TEM POTÊNCIA, ROBUSTEZ E TRAÇÃO NAS QUATRO RODAS. HÁ LUGARES A QUE SÓ COM ESPÍRITO DE AVENTURA NÃO SE CHEGA.”

b) Sim. A exclusão do advérbio “só” alteraria o sentido do texto, sugerindo uma mensagem diversa da que foi pretendida com o slogan publicitário, segundo o qual há lugares que “só com espírito de aventura” você não chega, isto é, “espírito de aventura” não é suficiente para fazê-lo chegar a determinados lugares. “Só” é uma palavra ou locução denotativa de limitação, que poderia ser substituída por “apenas”, por exemplo. Portanto, “potência, robustez e tração 4WD” são itens complementares, indispensáveis ao “espírito de aventura”.

Quando se retira o termo “só” tem-se a negação do chegar a certos lugares para aqueles que sejam dotados de espírito de aventura, ou seja, não se trataria de faltar alguma forma de complementação para se chegar a tais lugares e sim que tais lugares são incompatíveis com pessoas aventureiras.

QUESTÃO 04

Leia atentamente este texto:

“*Dos púlpitos dessa igreja, o padre Antônio Vieira pronunciara com sua voz de fogo os sermões mais célebres de sua carreira*”, escreveu Jorge Amado, protestando [contra o projeto de demolição da igreja da Sé]. Conta Jorge que correu na época [décênio de 1930] a notícia de que o arcebispo embolsou gorjeta grande para permitir que a Companhia Linha Circular de Carris da Bahia abatesse o templo. Não há provas do suborno, é certo, mas o fato é que o arcebispo, em documento assinado por ele mesmo, deu a sua “inteira aquiescência” à obra destrutiva. A irritação anticlerical de Jorge Amado subiu então ao ponto de ele fazer o elogio dos “índios patriotas” que, nos primeiros dias coloniais, haviam realizado uma “experiência culinária” com o bispo Sardinha. Acrescentando ainda que, naquela década de 1930, baiano já não gostava de bispo nem como alimento.

Antonio Risério, **Uma história da cidade da Bahia**. Adaptado.

a) As expressões “inteira aquiescência” e “índios patriotas”, citadas no texto, procedem, ambas, da mesma fonte (autor que utilizou tais expressões)? Justifique sua resposta.

b) Tendo em vista o contexto, é correto afirmar que a expressão “experiência culinária” é usada com sentido irônico?

Resolução

a) Não. Conforme se verifica em “... assinado por ele mesmo, deu a sua ...”, o pronome possessivo ‘sua’ retoma o pronome ‘ele’ (que por sua vez retoma ‘arcebispo’). Portanto, a expressão “inteira aquiescência”, que significa basicamente “plena concordância”, retoma o discurso do arcebispo, que teria concordado com a destruição do templo; a expressão “índios patriotas”, por sua vez, indica o discurso de Jorge Amado, conforme se confirma a partir da expressão “A irritação anticlerical de Jorge Amado” que antecede a expressão analisada e com ela estabelece adequada coesão e coerência. Ou seja, Amado chama de ‘patriotas’ aos índios que devoraram o clérigo Sardinha, de modo a elogiá-los (enquanto critica os clérigos). Afinal, trata como positiva a iniciativa de ‘eliminação’ de clérigos.

b) Certamente. Afinal, os nativos (adeptos da antropofagia) devoraram o clérigo. Acrescente-se a isso que o clérigo se chamava Sardinha. Tendo em vista que Jorge Amado se mostra feliz com o fato e a sugestão de alimento (decorrente do nome) dá à expressão “experiência culinária” o tom irônico.

QUESTÃO 05

Leia o seguinte texto:

Pense antes de compartilhar

Cada vez mais pessoas interagem por meio de redes sociais. O crescimento dessas comunidades reforça uma das principais discussões relativas à internet: a privacidade.

Época, 15/04/2011.

a) Qual a razão apresentada por essa matéria jornalística para aconselhar seus leitores a “pensar antes de compartilhar”?

b) No verbete “privacidade”, do **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, lê-se:

trata-se de ang. de empréstimo recente na língua, sugerindo-se em seu lugar o uso de

Por que o dicionário sugere que se evite o uso de “privacidade”? Que palavra pode ser usada em seu lugar?

Resolução

a) A razão dessa matéria de Época é alertar o usuário de redes sociais de que nem toda informação, principalmente privada, deve ser compartilhada. Se cada vez mais pessoas interagem através dessas redes, mais riscos correm os usuários de que tais informações sejam disseminadas. Como complemento à resposta, é interessante notar que para o usuário da rede social mais conhecida mundialmente, o Facebook, ficou claro o jogo de palavras no título da matéria “Pense antes de compartilhar”. “Compartilhar” é um dos comandos que o usuário pode utilizar, assim como “curtir”: por exemplo, um amigo coloca uma foto em sua página. Eu, como amigo, recebo essa sua atualização, vejo a foto e, achando-a muito interessante, resolvo compartilhá-la com meus outros amigos. Se, no entanto, deve-se “pensar antes de compartilhar”, tem-se a mensagem de que nem tudo deve ser compartilhado, ou seja, deve haver um “filtro”, por parte do usuário, já que quando ele “compartilha” uma imagem, por exemplo, tal imagem ficará em sua página, que contém informações sobre sua vida (que o próprio usuário disponibilizou). Se utilizada a acepção da palavra “compartilhar”, tem-se: “dividir”, “partilhar”, e, especificamente neste caso, “tornar público”. O cerne da questão é exatamente isso, aquilo que se deve (ou não) tornar público. O texto de Época traz a questão da privacidade, daquilo que é privado. É importante notar que o que é privado para uma pessoa, não o é, necessariamente, para outra, e vice-versa. Algo também muito importante, quando se fala de redes sociais, é notar que o usuário disponibiliza as informações que deseja. Ninguém o obriga a isso, muito menos a abrir uma conta em uma rede social, como no próprio Facebook, Orkut, Twitter etc. Por isso mesmo, a mensagem de Época é de que se deve tomar cuidado com aquilo que se expõe sobre si mesmo em redes sociais, pois tais informações podem prejudicar o usuário de alguma forma.

b) Alguns dicionaristas puristas privilegiam o uso de palavras que a língua contempla há mais tempo. Também é comum entre os puristas a preferência por palavras que não se tratem de empréstimos de outras línguas, ou seja, de estrangeirismos, mesmo quando os dicionários já apresentem essas palavras “adaptadas” à língua, com grafias modificadas de acordo com a língua, por exemplo. Este é o caso da sugestão que se encontra no dicionário Houaiss da língua portuguesa. Pode ser usada em lugar de privacidade a palavra **intimidade**, por exemplo, dentre outras que o aluno entender como um sinônimo de privacidade.

*Note que *ang.* é abreviação de *anglicismo*, ou seja, originário da língua inglesa.

QUESTÃO 06

Leia este texto:

A correção da língua é um artificialismo, continuei episcopalmente. O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas.

Monteiro Lobato, **Prefácios e entrevistas**.

a) Tendo em vista a opinião do autor do texto, pode-se concluir corretamente que a língua falada é desprovida de regras? Explique sucintamente.

b) Entre a palavra “episcopalmente” e as expressões “meter o bico” e “de orelhas murchas”, dá-se um contraste de variedades linguísticas. Substitua as expressões coloquiais, que aí aparecem, por outras equivalentes, que pertençam à variedade padrão.

Resolução

a) Não, absolutamente, a língua falada não é desprovida de regras. Lobato adverte no excerto que “o natural é a incorreção”. Para o candidato menos atento, isto pode soar divergente; contudo, quando analisamos este “incorreção” como “aquilo que está inadequado à norma culta”, percebemos a crítica do autor em relação às estruturas fixas e “imutáveis” propostas pela “gramática” (normativa). Ele ainda explica que “a correção da língua é um artificialismo”, isto é, a suposta perfeição, retidão proposta pela gramática normativa é fruto de artificialismo, não é natural, pois é composta por fatores extralinguísticos (influência da parcela da população detentora de poder). Por fim, ao determinar “a gramática só mete o bico quando escrevemos [...] e afasta-se de orelhas murchas” quando falamos, Lobato ainda aponta que, sendo natural aos homens a linguagem falada, suas regras são maleáveis tantas quantas forem as necessidades de comunicação. Sendo, por isso, tão difícil ficarmos presos a formas e códigos prescritivos, tais como os da escrita; em contrapartida, esta é menos dinâmica e demora mais tempo a ser alterada, embora também sofra processos de variação. Caso contrário, não haveria as mudanças das línguas que deram origens a tantos idiomas distintos.

b) Episcopalmente é um neologismo formado pelo sufixo formador de advérbio “mente” e o adjetivo “episcopal”, que é próprio ou relativo ao bispo. No contexto, esta palavra adquire o sentido de ser algo “sagrado”, “dotado de formalidade”. Logo, “episcopalmente” pode ser substituído por “solenemente”, isto é, dotado de formalidade, solenidade, cerimônia. Já a expressão “meter o bico”, na linguagem formal, é sinônimo de “intrrometer-se”; enquanto que “de orelhas murchas” o é de “cabisbaixa”. Observe a construção completa:

“A correção da língua é um artificialismo, continuei solenemente. O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a intrrometer-se quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, cabisbaixa.”

QUESTÃO 07

Leia o excerto de **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida, para responder ao que se pede.

Caldo Entornado

A comadre, tendo deixado o major entregue à sua vergonha, dirigira-se imediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal. (...) A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo, e depois que se aborreceu de falar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, (...). O tema do sermão foi a necessidade de buscar o

Leonardo uma ocupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém sujeita a emergências tais como a que acabava de dar-se. A sanção de todas as leis que a pregadora impunha ao seu ouvinte eram as garras do Vidigal.

Você concorda com as afirmações que seguem? Justifique suas respostas.

a) Vê-se, no excerto, que a comadre procura incutir em Leonardo princípios morais destinados a corrigir o comportamento do afilhado.

b) No sermão que prega a Leonardo, a comadre manifesta a convicção de que o trabalho é fator decisivo na formação da personalidade de um jovem.

Resolução

a) Em termos. Cabe esclarecer que o enunciado traz palavras que devem ser lidas com algum cuidado quanto à polissemia (diferentes sentidos). A título de esclarecimento, reproduzimos abaixo duas das acepções propostas pelo dicionário HOUAISS para a palavra ‘moral’ e duas das acepções propostas para a palavra ‘corrigir’:

Moral - Substantivo feminino:

6 - conjunto de valores como a honestidade, a bondade, a virtude etc., considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta dos homens.

Ex.: *defendia a m. e os bons costumes*

6.1- conjunto das regras, preceitos etc. característicos de determinado grupo social que os estabelece e defende.

Ex.: *<m. burguesa> <m. cristã>*

Corrigir – Verbo:

1- dar forma correta;

2- arrumar, arranjar (alguém ou algo) para que pareça fisicamente melhor; endireitar a aparência de.

Caberia ao candidato vestibulando apresentar uma justificativa condizente com a interpretação escolhida. Apresentamos abaixo as duas possibilidades, embora nos pareça mais razoável admitir a 1ª interpretação devido à fortuna crítica da obra, em que se tem comentado certa ‘amoralidade’ dos personagens e mesmo do narrador.

Portanto, se se admite que a expressão “princípios morais” seja interpretada no sentido mais usual (1ª acepção reproduzida acima), isso é, no sentido de valores dignos e idôneos, a resposta seria ‘não’. Justifica-se esta resposta pois o objetivo da madrinha é muito mais pragmático (orientar/auxiliar Leonardo no sentido de livrá-lo de perseguições e possíveis represálias) do que concernente à idoneidade;

Se, no entanto, se entende a expressão “princípios morais” de maneira mais técnica e mais condizente com a acepção filosófica ou usada nas ciências políticas (ou seja, conforme as regras de um certo grupo), a resposta poderia ser ‘sim’. Afinal, a madrinha orienta o afilhado no sentido de indicar uma conduta prática que o livraria de problemas sociais, típicos daquele contexto: desocupados/ociosos eram considerados foras-da-lei e eram perseguidos pelo Major Vidigal. Cabe esclarecer que a própria madrinha vai se incumbir de conseguir uma ocupação para Leonardo (emprego de servidor na ucharia real/depósito da corte), à que ela própria se refere como ‘excelente arranjo’ e em relação ao qual o narrador usa a expressão ‘mina inesgotável’.

b) Não. Na verdade, não há – na fala da comadre – qualquer menção a uma possível relação entre trabalho e formação da personalidade. O único argumento apresentado pela comadre em defesa de sua tese (sobre a necessidade de que Leonardo arrumasse um emprego) é o risco representado pelas “garras do Vidigal”.

QUESTÃO 08

Leia o trecho de **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, para responder ao que se pede.

Um dia [Ezequiel] amanheceu tocando corneta com a mão; dei-lhe uma cornetinha de metal. Comprei-lhe soldadinhos de chumbo, gravuras de batalhas que ele mirava por muito tempo, querendo que lhe explicasse uma peça de artilharia, um soldado caído, outro de espada alçada, e todos os seus amores iam para o de espada alçada. Um dia (ingênuo idade!) perguntou-me impaciente:

- Mas, papai, por que é que ele não deixa cair a espada de uma vez?

- Meu filho, é porque é pintado.

- Mas então por que é que ele se pintou?

Ri-me do engano e expliquei-lhe que não era o soldado que se tinha pintado no papel, mas o gravador, e tive de explicar também o que era gravador e o que era gravura: as curiosidades de Capitu, em suma.

a) Se estabelecermos uma analogia ou um paralelo entre a gravura, de que se fala no excerto, e o romance **Dom Casmurro**, os termos “gravador” e “gravura” corresponderão a que elementos internos do romance?

b) Continuando no mesmo paralelo entre “gravura” e **Dom Casmurro**, pode-se considerar que a lição dada pelo pai ao filho, a respeito da gravura, serve de advertência também para o leitor do romance? Justifique sua resposta.

Resolução

a) Seguindo tal analogia teríamos que o ‘gravador’ seria o velho Bento de Albuquerque Santiago. Afinal é ele o autor/narrador de uma obra em que ele próprio aparece representado. A ‘gravura’, por sua vez, seria a história por ele contada (uma autobiografia), com destaque para o modo como ele próprio foi representado: ênfase em sua adolescência como um ingênuo e apaixonado: Bentinho.

b) Sim. Na verdade, trata-se de uma das várias situações narradas, que podem ser lidas de modo a revelar uma dimensão metalinguística. No caso, fica sugerida a relação autor (gravador) e personagem (o soldado que, na gravura, empunha a espada). Segundo o pai esclarece para o filho, o soldado (personagem) não teria condições de optar por segurar ou deixar cair a espada, pois, tal escolha caberia ao gravador (autor da obra). Estabelecendo o paralelo indicado pelo enunciado da questão percebemos a diferença entre o ponto de vista de 3ª pessoa (gravura) e o ponto de vista de 1ª pessoa (Dom Casmurro). Nesse caso, pode-se dizer que, ao contrário da situação da gravura, a responsabilidade pelos comportamentos da personagem Bentinho são de responsabilidade (indissociáveis) do autor-narrador (Bento adulto).

QUESTÃO 09

Leia o excerto de **A cidade e as serras**, de Eça de Queirós, e responda ao que se pede.

Na sala, a tia Vicência ainda nos esperava desconsolada, entre todas as luzes, que ardiam no silêncio e paz do serão debandado:

- Ora uma coisa assim! Nem querem ficar para tomar um copinho de geleia, um cálice de vinho do Porto!

- Esteve tudo muito desanimado, tia Vicência! - exclamei desafogando o meu tédio. - Todo esse mulherio emudeceu, os amigos com um ar desconfiado...

Jacinto protestou, muito divertido, muito sincero:

- Não! Pelo contrário. Gostei imenso. Excelente gente! E tão simples... Todas estas raparigas me pareceram ótimas. E tão frescas, tão alegres! Vou ter aqui bons amigos, quando verificarem que eu não sou miguelista.

Então contamos à tia Vicência a prodigiosa história de D. Miguel escondido em Tormes... Ela ria! Que coisas! E mau seria...

- Mas o Sr. Jacinto, não é?

- Eu, minha senhora, sou socialista...

a) Defina sucintamente o *miguelismo* a que se refere o texto e indique a relação que há entre essa corrente política e a história do Brasil.

b) Tendo em vista o contexto da obra, explique o que significa, para Jacinto, ser “socialista”.

Resolução

a) No enredo da obra, o personagem miguelista é Dom Galeão (avô do protagonista e amigo do infante Dom Miguel). Na história de Portugal, ‘miguelismo’ indica o movimento de apoio a Dom Miguel, que disputava contra seu irmão, Dom Pedro, o poder. Em tal disputa confrontam-se dois ‘modelos políticos’ distintos: monarquia/absolutismo (representados por Dom Miguel) e o Liberalismo (representado por Dom Pedro). Temeroso de perder tal embate contra o irmão, Dom Pedro (então imperador do Brasil) vê-se forçado a deixar o Brasil (abdicação do trono em 1831 em favor de seu filho, Pedro II).

Ainda em relação ao Miguelismo, reproduzimos abaixo um pequeno trecho de um texto de Leandro Carvalho, mestre em História, que nos explica o início do Período Regencial no Brasil (in: <http://www.brasilecola.com/historiab/dom-pedro.htm>):

“No ano de 1831, no dia 7 de abril, o Imperador abdicou do trono e retornou a Portugal (lá morreu acometido por tuberculose no ano de

1834). Como a monarquia era hereditária, seu filho Pedro de Alcântara, com apenas cinco anos na época, passou ser o herdeiro do trono. Com este fato, findou o Primeiro Reinado no Brasil, iniciando outra fase da história brasileira, o Período Regencial (1831-1840).”

Com base no exposto acima, pode-se constatar que o *miguelismo*, na medida em que forçou Dom Pedro a deixar o Brasil, acabou por influenciar a história deste país (final do 1º reinado).

b) De acordo com o enredo da obra e do contexto apresentado na narrativa (final do XIX), em Portugal, ser miguelista sugere ‘nacionalismo’ e um certo ‘conservadorismo’. Enquanto que ser um liberal e/ou socialista representa uma postura mais ‘esclarecida’; mais ‘cosmopolita’ e, claramente, mais influenciada pelas idéias francesas. Afinal, vale lembrar que Jacinto nasceu; cresceu e estudou em Paris. Ou seja, era um homem bem de acordo com sua época e com a situação intelectual da sociedade em que se formara. Vale mencionar ainda que o ‘socialismo’ mencionado por Jacinto se aproxima mais de uma ‘postura liberal’ ou do que atualmente entendemos por ‘social democracia’ do que a própria estética realista costuma apresentar como sendo “socialismo” (e que exigiria uma radical reforma social rumo à supressão das classes e a coletivização dos meios de produção). A propósito disso, vale lembrar que, mesmo depois de ‘descobrir’ a penúria sócio-econômica de alguns de seus empregados, Jacinto não muda em nada sua noção de propriedade nem sua condição de privilegiado.

QUESTÃO 10

Leia o seguinte excerto de **Capitães da areia**, de Jorge Amado, e responda ao que se pede.

O sertão comove os olhos de Volta Seca. O trem não corre, este vai devagar, cortando as terras do sertão. Aqui tudo é lírico, pobre e belo. Só a miséria dos homens é terrível. Mas estes homens são tão fortes que conseguem criar beleza dentro desta miséria. Que não farão quando Lampião libertar toda a caatinga, implantar a justiça e a liberdade?

Compare a visão do sertão que aparece no excerto de **Capitães da areia** com a que está presente no livro **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, considerando os seguintes aspectos:

a) a terra (o meio físico);

b) o homem (o sertanejo).

Responda, conforme solicitado, considerando cada um desses aspectos nas duas obras citadas.

Resolução

a) O ‘sertão’ é mencionado no fragmento em referência ao semiárido. Tal ambiente é caracterizado no excerto apresentado: como lírico e belo, embora pobre. No romance *Vidas Secas*, por sua vez, a caatinga é caracterizada como um ambiente inóspito/hostil; a descrição em *Vidas Secas* enfatiza a secura do solo e a escassez da vegetação, além da brancura dos ossos dos bichos que já morreram, que acabam se confundindo com a paisagem quase desertificada.

b) O homem (o sertanejo) é apresentado no trecho supracitado como capaz de se comover (menino Volta Seca) e capaz de alterar sua realidade sócio-política (famoso cangaceiro citado na narrativa). Portanto, o sertanejo (no trecho) é forte, resistente e capaz de criar beleza mesmo naquele ambiente tão injusto. Em *Vidas Secas*, por sua vez, o sertanejo é caracterizado como um oprimido; marginalizado; excluído de condições básicas como moradia; alimentação; alfabetização. Além disso, vale dizer que os personagens (principalmente o protagonista) não encontram forma de alterar sua realidade sócio-econômica e têm dificuldades em criar ou manter esperanças.

REDAÇÃO

PROPOSTA

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

Texto 2

O termo “idiota” aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como “política é coisa de idiota”. O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra *idiotes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: “Não me meto em política”.

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro,
Política – para não ser idiota. Adaptado.

Texto 3

FILHOS DA ÉPOCA

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.
(...)

Wisława Szymborska, **Poemas**.

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de proponentes de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas – primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. **Em busca da política**. Adaptado.

Texto 5



Folha de S. Paulo, 05/10/2011.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema **Participação política: indispensável ou superada?**

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Comentários

A proposta de redação neste ano colocou a política em foco, abordando-a por meio de uma pergunta-tema polarizada em “indispensável” e “superada”. Do ponto de vista estrutural, a redação Fuvest 2012 mostra-se levemente diferente dos anos anteriores, ao apresentar uma coletânea um pouco mais densa e longa e propondo uma reflexão mais concreta em comparação aos anos anteriores. No entanto, cabe observar que a concretude da reflexão em voga é depreendida por um processo de leitura complexo e bastante atento, trazendo ao candidato a necessidade de dialogar com conhecimentos prévios nas áreas de História, Filosofia e Ciências Políticas.

Analisemos a coletânea: os textos 1, 2 e 3 trazem uma definição acerca do sentido em que o conceito político está usado: ação intrínseca ao ser humano, uma vez que somos seres sociáveis, ou seja, capazes de influenciar e sofrer influência social no meio no qual nos inserimos. O texto 1, adaptado de Aristóteles, realça de modo indireto uma máxima bastante difundida pelo filósofo, a de que “o Homem é um ser político”. Já o texto 2, em contrapartida, vem elucidar o original sentido da palavra idiota: aquele que se exime de participações políticas, ou seja, crê-se equivocadamente alheio à sociedade. Por fim, o texto 3 ressalta o aspecto “inerente” da política no ser humano, como se fosse uma propriedade sobre a qual não temos controle, todas as ações humanas são, por definição, políticas.

Por outro lado, o texto 4 dialoga com aquilo que pode ser visto como o diferencial da nossa época: o esvaziamento do sentido político. Quando Bauman afirma que “a política perde interesse”, na realidade depreendemos que esta não se torna interessante às pessoas, pois outra área está influenciando sobremaneira o cotidiano e mediando a atenção dos indivíduos: a economia e seus respectivos reflexos, tais como flutuação de mercado, consumo e as tendências mundiais. Corroborando para a interpretação de que a política está deslocada de seu sentido principal, encontramos a tirinha de Adão. Quando o personagem diz “Sou apolítico” (segundo quadrinho) percebe-se que a escolha lexical é determinante para traduzir o sentido pretendido: *aquele que não é político*. O fator humorístico da tira fica por conta da expressão “a volta do Homem-Lenda”: aquele que explica, traduz, reinterpreta a fala do personagem. Logo, para Adão, ser “apolítico” é ser “ignorante”: uma pessoa inculta, sem instrução, não sábia. Isto reforça a interpretação de que a uma pessoa sábia, culta, é, por atitude e definição, alguém que exerce a cidadania, portanto, tem participação política ativa.

Uma vez compreendida a coletânea, o candidato deveria observar atentamente a pergunta-tema: “Participação política: indispensável ou superada?”. A tendência deste tipo de construção sintática é induzir o candidato a tomar uma postura maniqueísta, altamente polarizada, em que, supostamente, apenas uma das características seria plenamente válida como posicionamento para construção da tese. Contudo, um texto maduro poderia apresentar ambos os posicionamentos, trabalhando o ponto de equilíbrio entre os adjetivos propostos. Assim, os três primeiros excertos definem a política como algo “indispensável”, isto é, intrínseca à sociedade, indissociável das ações humanas; enquanto que os últimos dois apontam para a visão “superada”. Vale lembrar que “superada” é usada como sinônimo de “sobrepujada”, ou seja, aquilo que foi sufocado, sobreposto por outra referência/elemento (economia – proposta no texto 4).

Logo, na prática, o candidato deveria compor um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, cuja tese estivesse bem marcada e conduzida por argumentos pertinentes e coesos; sendo um dos caminhos possíveis para um texto acima da média o esclarecimento acerca das definições, argumentando a respeito das divergências de sentido acarretadas pelas mudanças sociais, em que, na realidade, quanto mais nos afastamos da participação política, mais nos aproximaremos da ignorância retratada por Adão.

Equipe desta resolução

Português

Gabriela Dias Lourenço dos Santos
Maíra Viganó Ferrari
Wellington Silva Fernandes

Revisão

Edson Vilela Gadbem
Eliei Barbosa da Silva
Fabiano Gonçalves Lopes
Marcelo Duarte Rodrigues Cecchino Zabani

Digitação, Diagramação e Publicação

Rafaela Cristina de Campos